

## REAFIRMAÇÃO

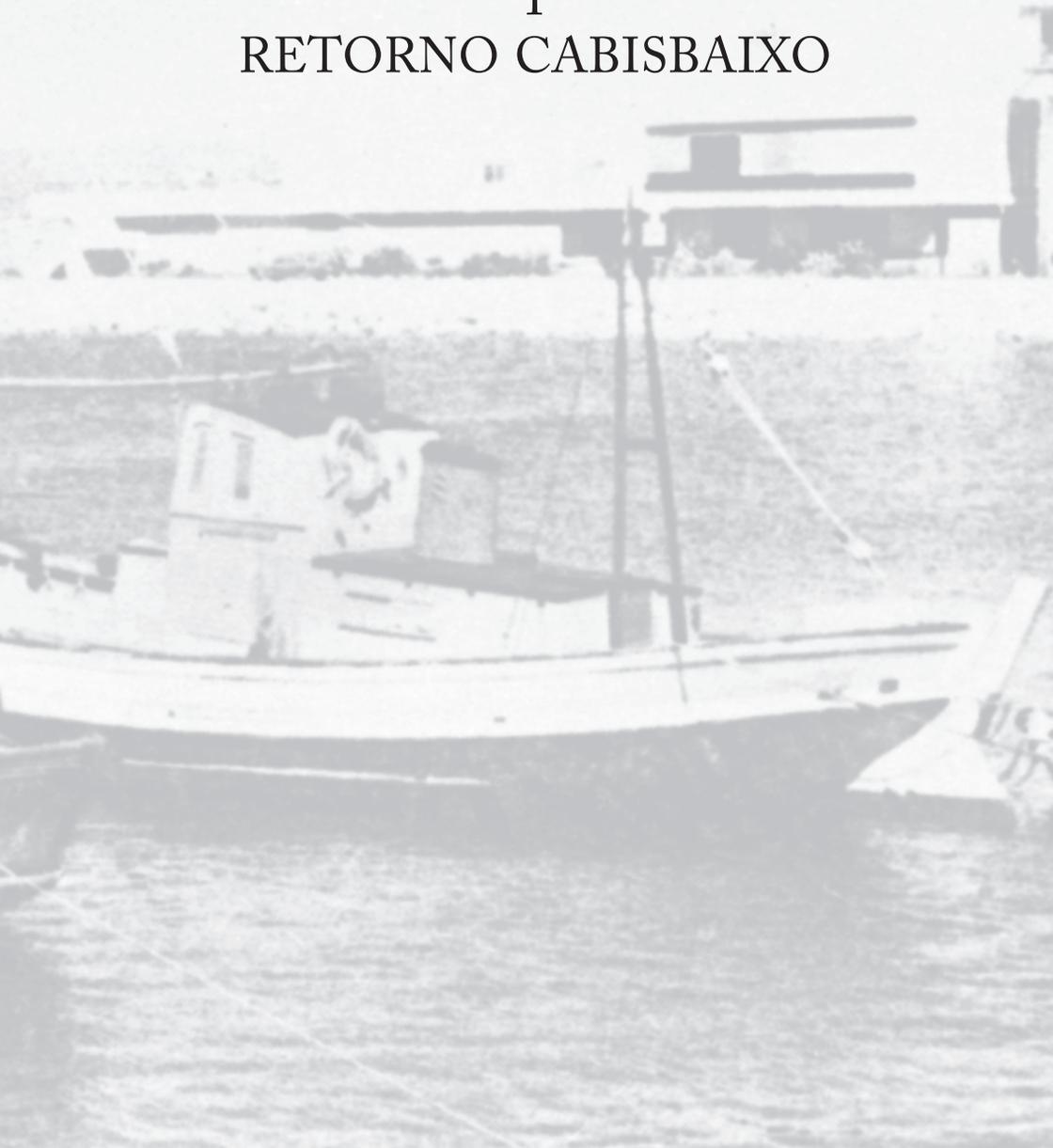
O fenómeno da vinda dos portugueses residentes em África nos anos de 1974 e 1975 do século passado, que constituiu um dos êxodos mais trágicos do Ocidente, foi agora retomado pela comunicação social, caso da RTP e RDP, com invulgar receptividade – talvez por estarmos a viver outro êxodo, de sinal contrário mas de intensidade semelhante, que é o da debandada massiva de jovens, razoavelmente especializados e criativos, por o país não os comportar.

No passado, centenas de milhar de pessoas foram, na sequência da descolonização, deslocadas das suas terras ultramarinas (muitas não retornaram, pelo que a palavra «retornado» é desajustada) para a até aí designada Metrópole.

Gente na sua maioria empreendedora e persistente, ousada e determinada, depressa revitalizaria os locais e os sectores onde se fixou, mudando Portugal como jamais acontecera na sua longa história.

A presente narrativa pretende ser uma síntese disso, actualizada e perspectivada a partir do trabalho (pioneiro) realizado há mais de três décadas (esgotadíssimo) sob o título *Os Retornados Estão a Mudar Portugal* – título que se reafirma sob a expressão *Os Retornados Mudaram Portugal*.

I  
RETORNO CABISBAIXO



«Entardecia quando começámos a avistar terra. Fazia frio e a costa algarvia surgia-nos no horizonte, quase irreal. O porto que nos salvava estava ali. Cinquenta e quatro dias tinham-se passado depois que partimos de Angola. Saímos de madrugada, eu e um amigo, para não sermos detectados. Carregámos o barco de gasóleo, água, vinho, conservas, farinha de milho. Traçámos a rota com uma bússola e uma sonda, únicos aparelhos de navegação de que dispúnhamos.»

O homem, rosto de rugas profundas e olhar de fulgores intensos, tem 66 anos e uma extraordinária vibração interior. É um dos milhares de portugueses que, radicados em África, tiveram de a abandonar na sequência da descolonização.

Chama-se João de Almeida, nasceu em 1925 no Porto, foi para Moçamedes em 1960, onde se fixou e se tornou mestre de estaleiros. Fugiu num minúsculo barco de pesca. Diversas embarcações fizeram o mesmo, repetindo ao contrário a epopeia dos Descobrimentos.

Irónico, o destino vazou-as na zona de Lagos, junto ao local escolhido pelo Infante para início da sua gigantesca aventura marítima.

«Saímos na véspera da independência, que foi em Novembro de 1975», prossegue. «Era uma altura má do ano por causa das tempestades, dos vendavais, o mar não oferecia segurança.

Nos primeiros dias pensava na família, que tinha ido de avião, nos problemas que iam surgindo, e tantos eram, no futuro. Depois não, depois deixei de pensar, deixei mesmo de acreditar que fosse possível salvarmo-nos. O meu companheiro e eu bebíamos muito, estávamos quase sempre embriagados, isso ajudou-nos a suportar o medo, a debilidade, as doenças que surgiram, o frio. Passámos muita fome, as conservas e o presunto, arranjámos dois presuntos, faziam-nos mal. Levámos um galo vivo, a certa altura ele percebeu que o queríamos comer e fugiu para o mastro, nunca conseguimos agarrá-lo. Quando desembarcámos, não fomos bem recebidos. Durante mais de um ano, trabalhei sem cessar, dia e noite, depois as pessoas reconheceram o nosso valor e as coisas mudaram.»

João de Almeida suspende-se. Um pequeno transistor traz, de súbito, notícias da Angola que foi sua, é sua, pois todos os que um dia passaram por ela ficaram-lhe para sempre melancolizados.

Absorto, fixa a linha do oceano, as embarcações na enseada, os brancos e os negros a trabalhar, ao fundo: «Por vezes tenho a sensação de estar lá. Se pudesse voltar... oh, gostava muito, muito de voltar a África!»

## FORAM AO FUNDO

Pelo seu simbolismo e audácia, os pescadores que regressaram de traineira escreveram uma nova e espantosa história trágico-marítima – de pouca notícia, porém.

Em grupos de dois, três e cinco homens, meteram-se nos barcos *Praia Mar*, *Virgem Negra*, *Diogo Cão* e fizeram-se, como João Almeida e o companheiro, ao oceano, guiados apenas por sondas e rádios.

«De 37 barcos que partiram, chegaram 34. Três afundaram-se. Sete foram para o Brasil», evoca Manuel da Encarnação,

que fez a viagem Angola-Brasil-Portugal no *Lenita*. «O Rio de Janeiro ficava mais perto do que Lisboa, ficava, por assim dizer, defronte de Moçâmedes. Por isso, fomos.»

Passados meses, no pequeno porto de Olhão, batido pela brisa da manhã, os pescadores-retornados descarregam peixe apanhado de noite. Lentos, sucumbirão, no fim, às feridas de África.

«Andámos um mês e meio a preparar em segredo a viagem... Comprámos um mapa, um compasso, uma sonda eléctrica, um rádio-telefone, mantimentos, gasóleo. Apanhámos mau tempo, muitos barcos avariaram, outros foram ao fundo... Aos mais pequenos, passámos cordas e trouxemo-los a reboque.»

Joaquim Custódio Fernandes, duas décadas em Angola, fixou-se ali, sua terra, «mas a vida não correu bem. Ao fim de um ano tivemos de vender o barco que tanto sofrimento nos deu a trazer. Já pensei em voltar para lá; se a política deles virasse, ia imediatamente».

Mestre nos estaleiros de Luanda, onde viveu 28 anos, Emílio Embaixador arranjou trabalho em Sesimbra com mais quatro retornados na cooperativa que fundaram sob o nome Estaleiro Naval União: «Foi tudo construído por nós; como sabíamos trabalhar, governámo-nos. Mas custou-me muito a adaptar à vida daqui... Lá vivia-se, aqui vegeta-se.»

## DESESPERO E DESAMPARO

Ninguém sabe ao certo quantos portugueses vieram de Angola, Moçambique, Guiné, São Tomé, Cabo Verde depois do 25 de Abril. Alguns referem oitocentos mil; outros, um milhão. Chegaram por barcos e aviões, golfados em caudais intermináveis de desespero e desamparo – sob o frio, o pudor, o espanto.

O eco do seu êxodo condeu então o mundo. O velho império português retornava cabisbaixo às praias de onde, séculos antes, partira para epopeias imorredoiras.

Refeitos os bocados de cada um, ergueram-se e atiraram-se em frente. Emergiram em pequenos grupos por todo o país e, em pequenas ocupações, por todos os sectores. Como novos bandeirantes, colonos uma vez mais, foram para o interior carregando cóleras e pânticos, vinganças e ousadias.

A sua cólera foi a sua força: fê-los mover montanhas, dominar medos, vencer a loucura e o desamor. E dar provas espantosas de coragem e engenho.

Com ajudas de instituições, de subsídios, de empréstimos, de familiares, de amigos, fixaram-se e transformaram os locais onde se detiveram.

Chamaram-lhes retornados, impropriamente, porém, pois muitos nunca haviam estado, sequer, na chamada Metrópole.

A emigração e o exílio (sobretudo na década de sessenta) tinham despovoado meio Portugal. Aldeias inteiras apenas albergavam velhos e crianças, povoações existiam que não tinham sequer um habitante.

Era um país de deserções e decrepitudes a viver das mesadas dos emigrantes e dos militares e das gorjetas dos turistas; um país onde estava (volta a estar) tudo por fazer, por merecer; como estavam os sertões da memória africana.

Então repetiram aqui o que faziam lá. Mas lá tudo era grande, fácil, farto, acessível: mão-de-obra, créditos, comércios, terrenos, colheitas, gados, máquinas, solidariedades; lá havia terra, terra e espaço e, como no Oeste americano, sonho. Um homem tinha, se quisesse, a dimensão de um criador.

## PARTIR DE NOVO

Há centenas de anos que desembarcamos de idas e retornos, que pegamos em proles, haveres, ilusões e feridas e partimos para dentro, oceanos e continentes, em peregrinações interiores de fé, desmesura e trapaça.

«Não foi a ambição da riqueza nem da glória que nos impeliu à Índia. Foi», engrandecia Agostinho da Silva, «a demanda da Ilha dos Amores.»

Como a não encontrámos – o único a desembarcar-lhe seria Luís Vaz de Camões –, suspendemo-nos, incompletámo-nos, maneira de nos podermos completar, isto é, de termos futuro no futuro.

Daí que o fado seja a nossa respiração e o sebastianismo a nossa fé. Estamos sempre a ir e a chegar, somos retornados de nós próprios, para nós próprios. Expulsos há décadas de África, estamos hoje a partir de novo para ela – outra.

Uma parte dos que vieram não sobreviveu, porém, à morte da sua Angola, do seu Moçambique, da sua Guiné. Que tentou reconstituir em Moncorvo, em Viseu, em Lisboa, em Sagres, em... Do mesmo modo que tentou reconstituir Moncorvo, Viseu, Lisboa, Sagres, em Angola, em Moçambique, na Guiné, em Cabo Verde, em S. Tomé, na Índia, no Brasil.

África foi portuguesa, Portugal africanizado – para sempre. Os musseques do Prenda balizaram o Alto do Dafundo, as marrentas os bailes dos domingos suburbanos; as churrasqueiras floresceram nas estradas beirãs; o caril, a cerveja, o fumo, os fumos nos planaltos nortenhos; o imaginário dilatou-se, histórias de caça, de aventuras, de magia, de abundância perpassaram então os cabeços de granito e giesta.

Um sopro quente perturbou a pele dos que ficaram, dos que na história vêm partir (soldados, missionários, mercadores, sentenciados, exilados, emigrantes, mareantes) e vêm voltar: exuberantes de riqueza, uns; pasmados de vazios, outros – e eles sempre a ficar.

## O GRANDE ÊXODO

Quem viajava por Portugal depois de 1975 depressa se apercebia de surpreendentes alterações na sua paisagem.

Comércios, cafés, restaurantes, odores, músicas, reverberações, jovens de pele e olhar quentes logo surpreendiam, cativando, os que passavam.

Natália Correia, que nessa altura o fazia regularmente, foi das primeiras vozes (nos meios intelectuais) a evidenciá-lo: «Este é o grande fenómeno da actualidade. A debandada dos que habitavam o império, que não foram protegidos como deveriam ter sido, constitui o maior êxodo da segunda metade do século XX a nível mundial.»

Na mesma linha de pensamento, Agostinho da Silva destacava (em *Cartas Várias*) que a «expulsão dos portugueses de África será tão grave para África como a expulsão dos judeus de Portugal foi para Portugal».

## ATIRADOS AO MAR

Integrando na altura a redacção do semanário *O Jornal*, iniciei pesquisas sobre o tema; infrutíferas, no entanto, e durante algum tempo, por retraimento dos visados e por hostilidade (a eles) da esquerda dominante.

Franjas radicais suas preconizavam mesmo (como ocorreu num plenário da 5.<sup>a</sup> Divisão das Forças Armadas) o abandono dos brancos a fim de serem «atirados ao mar» pelos negros – o que seria revertido pelo general Costa Gomes, Presidente da República, em intervenção de grande firmeza.

Um dos responsáveis pelo *Jornal* bloqueou-me, entretanto, o projecto, sob pretexto de «os retornados serem uns colonialistas reaccionários que deviam expiar os seus crimes».

Ajudou-me o cineasta Leonel de Brito, contagiado pelo tema, através de contactos, fotos, deslocações, empenhos pessoais. O trabalho seria todo realizado por nossa conta, em folgas e férias, quase clandestinamente, quase ilegalmente.

## PEREGRINAÇÃO A PORTUGAL

O ponto de partida surgiu-nos numa pequena notícia onde se apelava aos ex-residentes no Ultramar para integrarem uma peregrinação a Fátima.

Integrámo-la. Milhares de pessoas confluíram-lhe emocionadas, crispadas, em catarses de angústia e fervor, adensadas pelo significado do local.

Recolhemos casos de horrores inimagináveis, de heroísmos siderantes, de subterfúgios indizíveis; a partir deles traçámos roteiros diversificados (geograficamente, geracionalmente, sectorialmente, culturalmente) que fomos, durante meses, dobrando sob desamparos e comoções sem fim.

Seleccionados os depoimentos, escrito o texto, escolhidas as fotos, esperámos. Quando chegou o mês de Agosto, altura dramática nas redacções (por férias, por falta de assuntos), avancei com a peça, até porque o editor antirretornados tinha ido a banhos.

As aflições do seu substituto no encher de páginas logo se volatilizaram ante o *milagre* da minha oferta, à justa para safar o número dessa semana. Reaccionário o assunto? que importava!

## ESPANTO MUNDIAL

O impacto do artigo tornou-se imediato. Dois dias depois, a BBC referia-o no seu noticiário, o mesmo fazendo, em cascata, órgãos de comunicação social dos Estados Unidos ao Japão, da Suécia à Austrália.

Natália Correia e Agostinho da Silva tinham uma vez mais razão.

Os organizadores das comemorações do 25 de Abril convidaram-me a abordar o tema num colóquio na Fundação Gulbenkian – os retornados deixavam de ser todos fascistas.

A edição em livro (pela Relógio d'Água) da obra, galar-doadada com vários prémios, de imediato se esgotou. Com o tempo, o assunto emergiu na penumbra, tornando-se consensual a ideia do êxito da integração das populações vindas do Ultramar.

Real, essa integração não foi, porém, totalmente espontânea, nem autêntica. A maioria nunca ultrapassou, na verdade, o trauma sofrido; nunca esqueceu África, nunca se curou da melancolia por ela, ferida a arder para sempre na memória e na frustração.

A política seguida à época pelos responsáveis (inteligente, eficaz) visou evitar a concentração dos refugiados nas mesmas zonas e sectores, pulverizando-os pelo território a fim de lhes retirar força grupal e poder reivindicativo. Não houve, sequer, indemnizações por confiscos, nem restituição de depósitos bancários – inacreditável!

## POLÍTICAS AMBÍGUAS

«O êxito da integração é muito relativo. Foi a política seguida pelo Governo que calou os retornados (João Cabral, oriundo do Lobito, director do *Apoio Cristão Internacional*). Separaram-nos, polvilharam-nos pelo país, tiraram-lhes força. E eles resignaram-se. Em França, não; os argelinos foram exigentes, o mesmo aconteceu noutros países, por isso se ouve ainda falar dos seus retornados. Aqui amocharam.»

Diversos organismos surgiram em sua defesa e apoio. Organismos religiosos, políticos, assistenciais, culturais, educativos. Oficiais, como o IARN (Instituto de Apoio ao Retorno dos Nacionais); internacionais, como o Apoio Cristão e a Cruz Vermelha; filantrópicos, como a Associação de Apoio aos Angolanos; reivindicativos, como a ANERM – Associação dos Naturais de Fraternidade Ultramarina (que pretendiam

indemnizações do Estado); ou recreativos, como Os Inseparáveis do Lubango, perto de sete mil no último piquenique realizado no Buçaco.

Os mais crentes têm uma Santa sua, a Nossa Senhora dos Retornados, a quem têm dedicado (em Oliveira do Bairro) festividades assinaláveis.

Dispuseram também de imprensa própria, como o jornal *O Retornado* e o boletim *A Voz do CID*.

Após a sua chegada a Lisboa, onde eram acolhidos pela Cruz Vermelha e pelo IARN, recebiam alimentação e assistência, beneficiando uma parte de subsídios e empréstimos para tentarem reorganizar-se.

Números tornados públicos apontam verbas da ordem dos 56 milhões de contos gastos em aluguer de navios e aviões (30 milhões), alojamento, alimentação, transporte, roupas (26 milhões), a que se juntaram 17 milhões de créditos atribuídos no âmbito dos Programas de Crédito CIFRE (porque estavam sob a gestão da Comissão Interministerial de Financiamento de Retornados).

Cerca de 70 por cento destas importâncias beneficiaram dez por cento de retornados. Apenas 88 empreendimentos seus implicaram verbas superiores a 20 mil contos. A média geral foi de cinco mil.

A agricultura, com quatro milhões, e a indústria transformadora, com seis milhões, foram os sectores mais contemplados. As zonas geográficas de maior incidência de apoios situaram-se, depois de Lisboa, na faixa litoral de Setúbal a Viana do Castelo e, no interior, em Viseu, Guarda e Bragança.

Por quase todo o país surgiram, assim, empresas comerciais (cafés, restaurantes, supermercados), industriais (aviários, fábricas transformadoras, serviços de frio), agrícolas, transportadoras, piscatórias, etc. Os funcionários públicos passaram por sua vez a ser integrados no Quadro Geral de Adidos com 60 por cento do ordenado.

## FISSURAS SOCIAIS

Educação, saúde, agricultura, administração, finanças e autarquias foram os sectores onde os retornados se encaixaram maioritariamente.

Mal concedidos, ou não concedidos, seriam os créditos para compra de habitação própria, bloqueados pela burocracia e pela falta de vontade política – por receio de ferir direitos dos de cá.

Conceder aos que vinham o que se recusava aos que estavam era, para o poder da altura, uma imprudência. Os apoios começaram a arrefecer rapidamente, inclusive nas estadias hoteleiras devido à ultrapassagem da crise turística.

Deve assinalar-se que a ajuda prestada não proveio exclusivamente do Estado português. Apreciáveis fatias vieram de outros países que contribuíram com casas (pré-fabricadas), assistência, géneros, empregos (12 por cento emigraram sobretudo para o Brasil e Venezuela) e dinheiro – um milhão de contos dos Estados Unidos, meio milhão do Conselho da Europa.

O então alto-comissário para os Desalojados, tenente-coronel Gonçalves Ribeiro, podia dizer em 1977 que se estava «a desenvolver todo o esforço no sentido de se obter a plena integração do desalojado na comunidade nacional, combatendo tendências eventuais no sentido de se formarem bolsas de retornados. Até ao final de 1980, as palavras retornado ou desalojado deverão ter desaparecido do vocabulário do dia-a-dia do homem português». Desapareceram.

O número final de desalojados não integráveis – que transitaram para os esquemas normais da Segurança Social – rondou as 900 pessoas, num total de um milhão de recenseados (registo do ex-IARN).

## LUGARES DE LIDERANÇA

A maioria dos retornados adultos nasceu em Portugal, tendo emigrado para as colónias durante as décadas de 1950 e 1960, pelo que os seus vínculos às origens permaneceram fortes.

Quase dois terços vieram de Angola e um de Moçambique. Eram «mais qualificados do que a restante população portuguesa», com uma «percentagem elevada detentora de cursos médios e superiores». Entre os profissionais de elite, destacavam-se «biólogos, agrónomos, especialistas de ciências físico-químicas e pessoal docente», concluirá um trabalho (o primeiro de natureza científica) do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, coordenado por Rui Pena Pires, José Maranhão, João Quintela, Fernando Moniz e Manuel Pisco, com supervisão da professora Manuela Silva.

Isso explica «o aumento geral de mão-de-obra qualificada» observado em certos sectores, «bem como a presença destacada de muitos [retornados] em lugares de liderança, tanto no plano profissional como no político, nomeadamente a nível local», pormenoriza o referido documento.

Apenas sete por cento deles eram analfabetos, contra 30 por cento dos habitantes da Metrópole. Constituíam, além disso, uma população predominantemente masculina, jovem e empreendedora.